
PARTE I

Martírios e massacres

Fazer da morte uma vitória

Coordenação de
CRISTINA OSSWALD
JOSÉ EDUARDO FRANCO

Com o apoio do
Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Unidade de Investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Estudos

Introdução

O martírio ganhou
um sentido eloquente
de morte em nome da fé,
fazendo dessa forma
de morte uma vitória
absoluta.

Vitória suprema porque se
torna fonte de vida
transcendente
para o mártir
e exemplo de fé
para os que continuam
a sua vida terrena.

Deste modo,
a morte pela fé,
seja individual
seja colectiva
(e é esta que dá
a dimensão do massacre)
é sempre interpretada
como religiosa,
como uma vitória
da expansão da vida.

Cristina Osswald

ESAD, Lisboa; UNED, Madrid

José Eduardo Franco

Universidade de Lisboa

Mas continuai, ó excelentes governadores, (e mais excelentes sereis ainda aos olhos do povo se lhe imolardes os cristãos)... maltratai-os, torturai-os, condenai-os, esmagai-os. A vossa iniquidade é uma prova da nossa inocência. Por isso, tem Deus suportado que tais coisas suportemos!

TERTULIANO¹

I - Sentidos

Martírios, massacres, torturas, genocídios têm sido uma constante que é transversal à história das religiões. A afirmação de uma mensagem religiosa transformada em doutrina e definição de sentido total da existência colectiva tem sido marcada pelo confronto com outras teovidências muitas vezes consagradas no plano cultural e civilizacional. Essa afirmação de uma Fé suscita sempre consequências políticas e impactos sociais mais ou menos fortes, tanto mais que essa pretende ser uma afirmação que transporta um desiderato de transformação, de mudança, de conversão, quando não de revolução pessoal, social e até de um dado sistema religioso e cultural vigente, no fundo, implica com a mundividência e a cosmovidência estabelecidas, gerando aquilo que designamos por conflito de sentidos. E quando se toca na questão do sentido seja ele comunitário, seja ele individual toca-se na dimensão mais

¹ Tertuliano, *Apologeticum*, 50, 12.

profunda do humano. Põe-se em questão toda a estrutura de sentido que sustenta o universo antropológico em termos dos seus regimes existencial, individual ou social, estruturado religiosa e politicamente.

O martírio, que significa, na sua raiz grega *mártys*, testemunho, inicialmente em sentido jurídico, ganhou o sentido novo, no quadro da história das religiões e com o particular contributo do Cristianismo, de afirmação da fé religiosa até ao limite da morte perante os que violentamente exigiam a sua negação. Com efeito, o testemunho público de uma adesão a uma doutrina religiosa considerada a melhor, a mais excelente e a mais verdadeira é muitas vezes colocado perante o confronto radical com os que a negam e lhe são hostis.²

No entanto, o reconhecimento da previsibilidade dessa experiência-limite na declaração da fé resultou num processo de teologização da mesma experiência conferindo-lhe um significado supremo: o martírio como testemunho por excelência da coerência da convicção religiosa verbalizada. Assim o martírio ganhou um sentido eloquente de morte em nome da fé, fazendo dessa forma de morte uma vitória absoluta. Vitória suprema porque se torna fonte de vida transcendente para o mártir e exemplo de fé para os que continuam a sua vida na terra.³ Deste modo, a morte pela fé, seja individual seja colectiva (e é esta que dá a dimensão do massacre) é sempre interpretada como religiosa, como uma vitória da expansão da vida: da vida do que morre e que, por esta via, se expande na eternidade ou noutra dimensão supra ou intraterrena; e expansão também da vida da religião pela força exemplar e expansiva gerada pelo testemunho do mártir. Este é um dado que, sendo característico e conhecido no âmbito do Cristianismo, acaba por ser comum a outras religiões nomeadamente ao Judaísmo e ao Islamismo. Em particular o Cristianismo e o Islamismo, que são por excelência religiões proféticas, bebendo as duas no tronco comum da religião abraâmica consubstanciada matricialmente na Torá que funda o judaísmo, são religiões expansivas de ambição universalizante. O ideário prosélito e universalizante destas religiões atribuem à experiência do martírio o segredo da sua força testemunhal e a semente da sua expansão.

É tendo em conta este fundo teológico do sentido da morte pela fé, que Tertuliano criou aquele axioma que se tornou um lema muito glosado pela teologia cristã nas suas várias expressões e correntes: *o sangue de mártires é semente de novos cristãos*.⁴

A História da Afirmação do Cristianismo só pode ser completamente feita com a História do Martírio. O Martírio até ao momento do processo de Constantinização da Igreja no século IV foi consagrado como a expressão por excelência da coerência da vida cristã até ao limite do testemunho pela entrega da vida à morte violenta. A religião pacifista dos seguidores de Cristo, assim afirmada sem cedências até ao seu processo de assunção reconhecida pela estrutura política imperial romana, teve de

² Cf. C. Noce, *Il martirio. Testimonianza e spiritualità nei primi secoli*, Roma, 1987.

³ Cf. Alain Corbin, *História do Cristianismo*, Lisboa, Presença, 2008, *passim*.

⁴ Esta afirmação muito glosada pelas diferentes teologias cristãs do martírio é tirada da resposta do grande Padre da Igreja e genial jurista romano Tertuliano que assim defende a sua fé contra os poderes do império que perseguiram a chamada “seita dos Cristãos”: “De nada, porém, vos serve, por mais requintes que lhe apliqueis, essa vossa crueldade. Pelo contrário, é mais um atractivo à seita. Porque, ainda assim, cada vez que nos ceifais, mais numerosos nos tornamos. É uma semente, o sangue dos cristãos”. Tertuliano, *Apologéticum*, 50, 13. Usámos aqui, para efeitos de consulta e citação, a edição bilingue, latim-português, recentemente vinda a lume: Tertuliano, *Apologético*, Edição bilingue de José Carlos de Miranda, Lisboa, Livraria Alcala, 2002, pp. 579-581.

confrontar-se com uma sociedade e com um regime político que não a compreendia e que chegou mesmo a demonizá-la. A seita que começou por ser o cristianismo, na perspectiva do Judaísmo e do Império Romano, teve de pagar a sua afirmação e expansão com um vastíssimo número de mortes violentas em nome da sua fé contra os algozes que a entendiam como uma ameaça à harmonia social instituída e ao sistema de valores da *Pax Romana*.

Nos primeiros três séculos de Cristianismo o martírio foi de facto supervalorizado teologicamente e até mesmo mitificado. Foi-lhe dado um carácter teológico de garante, de prova da autenticidade da profissão fé cristã. E mais ainda: ao martírio foi atribuído o estatuto de semente do futuro da Fé em Cristo. Por isso, foi-lhe dado o estatuto máximo como caminho directo para alcançar o ideal mais alto: a santidade e a entrada directa no céu.

A própria Igreja Cristã, na elaboração teológica patrística, acaba por atribuir ao martírio o sucesso e o segredo da expansão dos seguidores de Cristo, pela eloquência mística do testemunho que produz a morte pela fé. Até ao ponto de ser uma espécie de um dado teológico tornado compreensão mística da força expansiva da Igreja: a Igreja alicerça-se no sangue dos mártires que lhe garante a solidez. Se Tertuliano é o Padre do Martírio mais avocado, todos os outros, nomeadamente Santo Agostinho, Orígenes, Santo Irineu e Santo Ambrósio, seguem o seu caminho de sobrevalorização do poder do testemunho martirial. A teologia e o valor do martírio têm conhecido uma importante renovação na contemporaneidade⁵, em particular como resposta significativa aos massacres e hecatombes humanas que ocorreram no século XX, quer em contextos de regimes nazistas e fascistas de filiação eugenista, quer em regimes comunistas.⁶

O Martírio ganhou tal valor teológico que, mesmo depois do cristianismo se ter tornado religião oficial do Império com o Imperador Teodósio, continuou a ser voluntariamente desejado e procurado ainda que de outras formas. Aliás, o ideário cíclico de renovação do cristianismo tanto no interior da ortodoxia, que se foi modelando e reforçando doutrinal e institucionalmente, como nas diferentes formas de dissidência que se convencionou designar pelo conceito de heresia, considerou que o afrouxamento da vivência cristã carecia de testemunho radical para que se desse essa desejada renovação. E o limite da radicalidade estava precisamente no despojamento até ao martírio.

Exemplo desta exigência e desta nostalgia do martírio como expressão suprema da radicalidade cristã, na fase do Cristianismo como religião do império, foi a emergência da monaquismo, primeiramente nas suas formas eremítica e depois cenóbica. Estas estiveram na base da emergência das ordens religiosas, as quais proponham o ideal de *fuga mundi* e da consagração total da vida pela vivência dos Conselhos Evangélicos traduzidos nos votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Vivência radical que era proposta como uma via de substituição do testemunho – o despojamento até à morte física como testemunho da fé –, por outra radicalidade: o martírio dos grandes impulso volitivos vitais que movem o homem na construção

⁵ Cf. René Rémond, *Le Nouvel Antichristianisme*, Paris, Desclée de Brouwer, 2005.

⁶ Cf. Andrea Riccardi, *O Século do Martírio: Os extermínios colectivos e o martírio individual dos Cristãos do século XX*, Lisboa, Quetzal Editores, 2002; e ver António Marujo e José Eduardo Fanco (Coords.), *A Dança dos Demónios – Intolerância em Portugal (Anti-Semitismo, Anti-Islamismo, Anti-feminismo,...)*; Lisboa, Temas e Debates, 2009; e Georges Minois, *História do Ateísmo*, Lisboa, Teorema, 2004.

da cidade terrena: o desejo de poder, o desejo sexual ligado ao instinto da procriação e o desejo de possuir bens próprios.⁷ Tudo isto em nome de um radicalismo de alternativo da entrega da vida à morte como vitória de si por outro tipo de morte, a morte dos desejos em nome de seguimento de uma via ascética, a *sequela Christi*, para alcançar uma maior intimidade com Deus e antecipar as chamadas realidades futuras, *Os Novíssimos*, o mesmo é dizer, a escatologia, e obter, por fim, os bens celestes.⁸

Se o mártir foi considerado, nos primeiros séculos, um bem oferecido pelos adversários da fé em Cristo em favor do processo de afirmação do Cristianismo, entendido numa perspectiva dialógica da relação conflitual dos oponentes *versus* adjuvantes, a questão do martírio vai complexificar-se e ganhará outras dimensões de significado quando mais tarde o martírio passar a ser factor de disputa no quadro da concorrência e da afirmação dos vários cristianismos⁹. Em particular, na fase da proliferação das heresias¹⁰, da experiência dos cismas medievais e, especialmente, dos movimentos modernos de fractura que vão consubstanciar-se nomeadamente através da proliferação das Igrejas Protestantes por oposição ao Catolicismo. O martírio ganha o estatuto de troféu usado para glorificar a vitória do testemunho até à morte das afirmações doutrinárias cristãs em conflito no interior da cristandade dividida e em processo de recomposição. A Igreja Cristã em crescente divisão, desde o seu processo de politização ou de comunhão com sistemas políticos, assume o papel contraditório de perseguidora em conflito de consciência com o sentido autêntico da sua origem e afirmação como igreja perseguida. Mas os estatutos de perseguida e de perseguidora alternam-se no quadro da aliança das várias cristandades no xadrez do poderes e dos regimes políticos, especialmente na modernidade.¹¹ E ganham significados e graus de valor diversos. Não só dentro das várias igrejas em concorrência, mas até mesmo no seio de instituições de cada uma das Igrejas. Veja-se neste particular a importância do martírio como troféu utilizado pelas diferentes ordens religiosas para capitalizar importância e prestígio no seio da Igreja Católica.¹²

Com efeito, o valor espiritual do martírio adquire também paralelamente, na modernidade, uma extraordinária importância como capital utilizado para efeito de política religiosa e institucional.

Por seu lado, o martírio, enquanto expressão máxima do testemunho da fé, foi mediatizado em termos da expressão artística e através de meios de propaganda de forma a perpetuar o esplendor do exemplo dos que aceitaram a morte enquanto pos-

⁷ Cf. Jean Claude Bologne, *Histoire du celibate et des célibataires*, [Paris], Fayard, 2004.

⁸ Cf. Agnès Gerhards, *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux*, Prefácio de Jacques Le Goff, Paris, Fayard, 1998; Gaston Duchet-Suchaux, Monique Duchet-Suchaux, *Les Ordres Religieux: Guide Historique*, Paris, Flammarion, 2000; Guerrino Pelliccia, Giancarlo Rocca (dirs.), *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, 10 vols., Roma, Ed. Paoline, 1974-2003; Bernardo Vasconcelos e Sousa (dir.), Isabel Castro Pina, Maria Filomena Andrade e Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, *Ordens Religiosas em Portugal: Das Origens a Trento - Guia Histórico*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

⁹ Cf. Antonio Piñero, *Los Cristianismos derrotados: Cuál fue el pensamiento de los primeros cristianos heréticos y heterodoxos?*, Madrid-México-Buenos Aires-San Juan-Santiago-Miami, EDAF, 2007

¹⁰ Cf. Norman Cohn, *Na Senda do Milénio. Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*, Lisboa, Presença, 1981.

¹¹ Cf. Christine Vogel (Hg.), *Bilder des Schreckens: Die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*, Frankfurt/New York, Campus Verlag, 2006.

¹² Cf. Carlos A. Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores/Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000-2002.

sibilidade de vitória da fé. A “exploração mediática” do martírio tem uma extraordinária importância no plano da história da arte da propaganda.

Os estudos de vários especialistas que aqui reunimos propõem uma abordagem da questão do martírio, particularmente circunscrita ao universo da história do Cristianismo, e relativa a diferentes épocas e expressões. Aqui são essencialmente analisados o martírio cristão, o seu significado e os usos institucionais, teológicos, culturais e ideológicos. Alguns artigos diferem da paleta de estudos do martírio cristão em sentido estritamente religioso: os estudos de caso histórico de massacre estritamente político ou politicamente motivado, e que se tornou uma espécie de martírio sem glória para os que morreram sob a força da afirmação de um dado ideário político e de medidas de reforma de certos Estados. No entanto, esta outra perspectiva analítica dos massacres feitos por razões políticas e ideológicas permite estabelecer o contraste com os martírios religiosamente motivados.

II - Conteúdos

Como pórtico de entrada apresentamos um texto de carácter teológico do professor jesuíta João Vila Chã S. J. No seu texto intitulado “Igreja dos Mártires: O Martírio como Símbolo e Condição do Ser-Cristão”, analisa a relação obrigatória e essencial entre o martírio e a condição do cristão. Começa Vila Chã por afirmar a primazia do martírio na concepção da Igreja de Cristo, “enquanto eixo fundamental da teologia neotestamentária”. Baseando-se em Axel Petersen, “Theologische Traktate”, Vila Chã destaca, neste contexto, o Livro do Apocalipse. Pois, o mesmo texto refere o fim último dos seres humanos, conferindo-lhe uma dimensão pública, tanto na sua confissão, como na sua manifestação.

São os apóstolos os primeiros interlocutores da concepção de martírio, ao colocarem em prática a exortação de Mateus, de que “quem não toma a sua cruz e vem após Mim não é digno de Mim. Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, a perde por minha causa, achá-la-á.” (Mt. 10:38-39). Se se considerar que a igreja está fundada no exemplo dos apóstolos, então a igreja é, antes de mais, uma igreja de mártires.

Sobretudo, ser mártir constitui a concretização do principal objectivo de ser cristão e que é “de viver e morrer para o Senhor” (Rom. 14:7sgs). Por tal razão, todos os baptizados são distinguidos com o carisma de potenciais mártires.

Sem dúvida, a temática do martírio foi um aspecto marcante dos inícios do Cristianismo, como é estudado por Justino Maciel no seu artigo *Visão do Martírio no Triunfo do Cristianismo: Hymnus in Honorem Passionis Lavrentii Beatissimi Martyris*. Por outras palavras, Justino Maciel analisa o conceito fundamental do fenómeno do martírio, ou seja, a ideia que o martírio constitui a suprema vitória do cristão, partindo dum hino dedicado ao mártir hispânico S. Lourenço (séc. III) e que foi composto pelo também poeta hispânico Aurélio Prudêncio Clemente entre finais do séc. IV e inícios do séc. V. Em simultâneo, Justino Maciel salienta o facto de que, na Época Páleo-Cristã, o martírio se desenrolou no contexto da cidade romana e clássica. O fenómeno do martírio foi, por isso, elemento fundamental na definição urbana. O Ager Veranus, local junto à Via Tiburtina, onde terão sido depositos os restos mortais de S. Lourenço foi assinalado pela construção da Basílica Maior por ordem de Cons-

tantino no início do séc. IV. Aliás, o poeta Prudêncio afirma, que a vitória do Cristianismo sob o paganismo em Roma também teve expressão na arquitectura e no urbanismo. Pois, “o povo começou a frequentar mais raramente os templos”, preferindo os “tribunais de Cristo”, ou seja, as basílicas cristãs. Este hino de Prudêncio assume, ademais, um importante significado iconográfico. Trata-se do mais antigo texto mencionando o atributo mais característico de Lourenço, ou seja a grelha, e que ajuda a cristalizar o modelo iconográfico transmitido a partir do séc. IV.

O medievalista Saul António Gomes oferece-nos uma problematização focada na análise histórica das práticas devocionais em torno das relíquias de mártires e de santos, partindo de uma síntese global da evolução deste género de veneração, desde os tempos medievais, até ao estudo de caso do Convento de Jesus de Setúbal de monjas colectinas já em pleno século XVII.

Constituem o culto e a iconografia dos mártires de Marrocos (1220) um notável exemplo da influência das “periferias” na definição da santidade. Milton Pacheco, no seu artigo “Os Proto-Mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco”, lembra o leitor que os restos mortais dos mais populares mártires medievais se encontram depositados no Convento de Santa Cruz de Coimbra. Naturalmente, este convento e os seus responsáveis, os cónegos regantes de Santo Agostinho, tiveram um papel importante no fomento do culto destes mártires.

De igual modo, as trajetórias de estes cinco “atletas do Evangelho” *in vitae e post mortem* constituem um bom exemplo do elo obrigatório entre factores religiosos e políticos para o sucesso de determinados cultos. Afirma Milton Pacheco que este culto se desenvolveu em simultâneo com o percurso de formação da nacionalidade portuguesa. Como também é ilustrado pelo mesmo artigo, vários membros da Coroa Portuguesa estiveram intimamente ligados aos missionários futuros mártires de Marrocos e depois ao fomento do seu culto. Finalmente, estes mártires constituíram, sem dúvida, objecto de emulação constante para os missionários da Época Moderna.

No seu artigo, “Os mártires ingleses de San Tommaso di Canterbury – Troféus da Contra – Reforma”, Kristina Müller estuda um ciclo de frescos pintados por Niccolò Circignani em (1583) e conhecido graças à sua reprodução através de uma série de gravuras em cobre (1584) pelo gravador e impressor romano Giovanni Battista Cavalieri. Trata-se de um ciclo de trinta e quatro frescos, que decoravam as paredes das naves laterais da igreja de San Tommaso di Canterbury, igreja que pertencia ao colégio jesuíta inglês de Roma, e que foi destruída no séc. XIX. Entre os mártires representados por Circignani, encontravam-se mártires páleo-cristãos ingleses desde o início do Cristianismo até aos jesuítas ingleses de finais do séc. XVI.

O renascimento do ideal do martírio na Época Moderna é o tema também tratado no artigo de Christoph Nebgen, como indica o respectivo título “o renascimento do ideal de martírio no início da Época Moderna”. Estas lutas armadas e sangrentas foram acompanhadas por uma autêntica guerra de propaganda, na qual se destacaram, pela quantidade e variedade, as tipografias no mundo alemão, o partido protestante, e os jesuítas (partido católico).

Entre a panóplia de documentação à disposição, Nebgen ocupa-se de três obras escritas por jesuítas. A primeira obra é obviamente o mais célebre martirologio da Idade Moderna da autoria do alemão Mathias Tanner, que foi publicado em latim em 1673 e reeditado em língua alemã em 1683. Nebgen relaciona esta obra profusamente ilustrada e que apresenta as *vitae* de trezentos e quarenta mártires jesuítas com os

ideais do martírio e da missão, como eram entendidos pelos jovens *indiapetae* (candidatos à missões fora da Europa).

Nebgen aborda seguidamente a obra *Goldenes Tagebuch* de Friedrich Spee. Este autor, que antes tinha ele próprio sido um *indiapetae* sem sucesso, relacionou Francisco Xavier e os mártires do Japão com o programa de virtudes definido pelos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. Por fim, na sua análise da obra *Imago Primi Saeculi Societatis Iesu* (1640), Nebgen destaca os mártires do Japão, tema tratado no seguinte artigo por Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto.

No artigo “O martírio de cristãos no Japão – uma estratégia dos Tokugawa”, Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto traçam uma síntese ou sinopse da evolução da atitude prossecutória dos Tokugawa relativamente aos cristãos. O início da perseguição aos cristãos no Arquipelago Nipónico data de 1587, quando o Imperador Toyotomi Hideyoshi (1593-1615) condenou a prática do Cristianismo, ordenando a expulsão dos missionários. Em 1597, deu-se a primeira execução de cristãos no Japão. Esta perseguição feroz foi originada por factores vários. Contribuíram decisivamente para esta perseguição a atitude dos franciscanos de exposição pública, as acusações e difamações, às quais não foram alheios os holandeses e que ligavam os missionários às pretensões político-militares do Patronato Real das Índias, e ainda a desagregação da unidade político-militar verificada em finais do séc. XVII. Fernandes Pinto e Curvelo abordam o tremendo impacte destas perseguições. O tema repercutiu-se em todo o mundo conhecido, chegando ao México e ao Peru. As autoras ilustram esta afirmação com exemplos extraídos da impressão e da actividade artística. Não obstante estas perseguições ferozes, o Cristianismo manteve-se no Japão. Os missionários continuavam a desembarcar clandestinamente. No interior dos paí, os *kakure kirishitan*, grupos cristãos escondidos transmitiram um Cristianismo próprio durante séculos.

Cristina Osswald propõe-nos uma análise da expansão do culto do apóstolo e mártir São Tomé na Índia e a sua difusão em todo o Império Ultramarino até ao Brasil. Sob o sugestivo título “Mártires e Martírios num mundo em expansão: S. Tomé Apóstolo entre a Índia e o Brasil”, procura-se compreender de que modo o culto de um modelo de proto-mártir dos tempos apostólicos é reactualizado e explorado em termos artísticos, devocionais e políticos.

David El Kenz apresenta-nos dois estudos sobre os martírios protestantes no quadro das guerras religiosas com os católicos. O primeiro intitula-se “Da Guerra ao Massacre” na França de meados do século XVI. Este artigo analisa o recurso à guerra contra os cristãos reformados por parte do Estado francês católico e a sua justificação e, por outro lado, o parecer do poder judicial francês que classifica de escandaloso “crime de desumanidade” a prática militar do massacre. Por outro lado, o autor analisa a capitalização simbólica e espiritual desta hecatombe humana sofrida pelo sector protestante perseguido através da utilização da propaganda hagiografizante.

“A Pilha nos Martírios Protestantes: Tradição e Inovação” é o título do segundo texto de David El Kenz que nos apresenta um estudo dos martírios de protestantes na França e na Inglaterra modernas e a sua recepção e representação no plano hagiográfico. Ao mesmo tempo os mártires e o seu sacrifício são destacados como dado histórico para fomentar a identidade teológica das comunidades e a sua perspectiva escatológica.

Christine Vogel, estudiosa do uso moderno dos media, dedica o seu texto intitulado “A Páscoa do Piemonte”, na linha do que desenvolveu noutros estudos, à compreensão do processo de encenação mediática dos massacres dos Valdenses em Piemonte no ano de 1655. Integra este estudo de caso no processo mais geral de mediatização dos acontecimentos religiosos na época Moderna. Analisa, com particular enfoque, o uso da imprensa escrita e da gravura como forma de construção de memórias colectivas e o reforço de identidades confessionais.

Renato Cymbalista contribuiu para este volume com um artigo intitulado “Martírios e relíquias sagradas na construção do território cristão na América Portuguesa”. No seu texto, Cymbalista comenta a crença fundamental, que S. Tomé Apóstolo teria sido o primeiro evangelizador das Américas. Servia esta crença obviamente como importante justificação da presença político-militar e religiosa na América por parte dos europeus. Destaca que as designações de S. Sebastião do Rio de Janeiro ou S. Vicente deveram-se precisamente ao facto de estas cidades terem sido conquistadas nos dias destes santos mártires e, na óptica dos europeus da época, devidos à intercessão especial que lhes foi prestada. Entre os cultos de mártires antigos presentes na América Latina, salientam-se o culto das Onze Mil Virgens. Em 1575, cabeças destas virgens mártires de Colónia, Alemanha, foram as primeiras relíquias importantes a serem levadas para o Brasil. Por essa razão, “o Bispo de Salvador declarou-as padroeiras do Brasil”. Ademais, a hagiografia brasileira ganhou rapidamente “novos membros” com os missionários franciscanos e jesuítas mortos pela sua fé no Brasil ou a caminho das terras de Vera Cruz, como foi o caso dos quarenta jesuítas trucidados diante das Ilhas Canárias em 1570. Finalmente, Cymbalista aborda o martírio de cristãos, enquanto importante instrumento de diálogo, pelo seu “forte apelo junto aos índios”. À semelhança dos missionários, “os índios também estavam dispostos a perder suas vidas em prol de sua agenda.” Para os últimos, tratava-se de uma prova de coragem, tendo a vingança e a eternidade como objectivos principais.

O penúltimo artigo, que se deve a Ludolph Pelizaeus, intitula-se “Guerra, poder, massacre: o significado dos media para a representação na Europa cristã e islâmica e na América”. Neste artigo, Pelizaeus aborda a relação entre o massacre, isto é, a guerra entendida como morte atroz de seres indefesos, e os media durante a Época Moderna nos seguintes contextos geográficos: Peru, Irlanda, Hungria e Sacro Império Romano. Pelizaeus extrai três principais conclusões das representações do episódio de Cajamarca, Peru. São estas a existência de uma comunicação escrita, oral e gestual, a influência das condições externas nos media e a atribuição de significados ao evento tanto por parte dos espanhóis, como dos incas.

A derrota em Mohacs em 1526 frente aos Otomanos constitui o início do declínio húngaro. Na ilustração deste episódio, os media procuraram evitar a atribuição duma conotação negativa aos cristãos fugitivos. Pelizaeus ilustra o caso da Irlanda com o recurso às gravuras “Image of Irelande” de John Derricke (1581). Esta obra destaca a inferioridade irlandesa perante a Inglaterra através da representação de cenas de subjugação. Pelizaeus considera duas épocas, ou seja, a Guerra dos Trinta Anos e o final do séc. XVIII, no que se refere ao Sacro Império Romano. No primeiro caso, os media advogam a defesa do opositor. No segundo caso, o conflito europeu criado pela agressão prussiana dominava a representação da violência por parte dos media.

Incidindo sobre a história polaca e as suas múltiplas percepções, Beata Cieszyńska propõe um ensaio com o título *Between “incidents of intolerance” and “massacre”*. *British interpretations of the Early Modern Polish Religious Persecution*. A autora analisa as interpretações externas das perseguições religiosas modernas ocorridas na Polónia, especificamente na perspectiva do olhar britânico.

José Eduardo Franco apresenta-nos um artigo intitulado “Massacres ou Martírios do Marquês de Pombal”. Neste texto, Franco analisa “a política violenta do Ministro Carvalho e Melo”, de acordo com as duas posições antagónicas que têm marcado o estudo desta figura determinante na História de Portugal até à actualidade, e que são respectivamente o filopombalismo e o antipombalismo. Entre os filopombalistas, destacavam-se os maçons ou pedreiros livres (embora não existam provas conclusivas da filiação de Pombal na maçonaria, difundiu-se a nível internacional a ideia da sua associação a esta instituição), liberais, republicanos e socialistas. Mais precisamente, vários membros destes grupos exaltaram em avalanche de panegíricos, editada por ocasião do primeiro centenário da sua morte, a capacidade que Pombal teria demonstrado de “libertar” e “restaurar” Portugal contra dois “massacres”: o terramoto de 1755 e a decadência da Companhia de Jesus, principal razão, na sua óptica, para o atraso do país. Assim, de acordo com os mesmos, tais terremotos justificariam a política violenta, isto é, os massacres ordenados por Pombal. Por seu lado, entre os antipombalistas, que contavam naturalmente nas suas fileiras católicos e também legitimistas, destacou-se o escritor Camilo Castelo Branco. A este escritor deve-se a difusão da ideia de Pombal enquanto mentor dum fenómeno de massacre total. Na óptica de Camilo, o massacre total de Pombal teria tido o seu início na gradual e subtil subjugação do poder real. Seguiram-se os massacres da alta nobreza, exemplificados pela condenação dos Távoras em ligação à feroz perseguição pombalina aos jesuítas, “um dos braços mais poderosos do poder espiritual” de então, e, por fim, os massacres populares. Este artigo é a expressão de como acontecimentos violentos, (neste caso massacres de vária ordem, protagonizados num dado contexto e à luz de uma determinada motivação ideológica) podem produzir diferentes e até opostas leituras em contextos e à luz de filiações ideológicas diversas.

O nosso dossiê termina com um ensaio do filósofo e ensaísta polaco Zygmunt Bauman sobre *Desumanidade e Massacre no século XX Europeu*, em que problematiza e analisa, a partir da percepção e gestão dos traumas provocados, os emblemáticos massacres perpetrados nomeadamente por Hitler e Estaline na óptica de diferentes autores.

Martírios e Massacres são dos produtos trágicos da história humana que mais leituras produziram marcadas sempre pelos conflitos de interpretações que caracteriza, em maior ou menor grau, toda a construção do conhecimento sobre o passado. No entanto, no que diz respeito a estes fenómenos marcados por experiência-limite a necessidade interpretativa exacerba-se, procurando extrair desta experiência trágica sentidos de vitórias supremas da sobrevivência através o triunfo do sentido em que se acredita.

